

PROSELITISMO TELEVISIVO E CORPOREIDADES: O CASO DA SEICHO-NO-IE

Sarai Schmidt Varanda

Licenciada em Educação Física na UNESP de Rio Claro, Especialista em Exercício Físico como Terapêutica na UNIFESP e professora na Rede Municipal de Ensino. Membro do Núcleo de Estudos Corpo e Sociedade/CNPq.

Leila Marrach Basto de Albuquerque

Socióloga, Doutora em Sociologia e professora no Departamento de Educação Física da UNESP. Líder do Núcleo de Estudos Corpo e Sociedade/CNPq.

Resumo: Este artigo traz os resultados de uma pesquisa que teve como objeto de estudo os modelos de corpos difundidos em programas televisivo-religiosos. Estes constituem novos caminhos para a difusão de modelos específicos do viver religioso de forte impacto para a construção de corporeidades. A expressão religiosa estudada foi a Igreja Seicho-no-ie do Brasil. Os resultados mostraram que esse movimento religioso difunde corporeidades que expressam seu projeto proselitista em diálogo com o mercado de bens religiosos brasileiro.

Palavras-chave: corporeidades; novos movimentos religiosos.

Abstract: This paper presents the results of a study aimed to analyze the models of bodies disseminated on religious television show. These models provide new ways for the diffusion of specific types of religious living that cause strong impact on the construction of kinesics. The religious expression studied was the Brazilian Church Seicho-no-ie. The results showed that this religious movement spread corporalities that shows its proselytizing project in dialogue with the Brazilian market of religious goods.

Keywords: Kinesics, new religious movements.

Introdução

Este artigo apresenta os resultados de um estudo voltado para as corporeidades constituídas no âmbito dos espaços religiosos. Especificamente, trata das definições de corpo observadas no movimento religioso Seicho-no-ie. Inicialmente, este estudo fez parte de um projeto mais amplo, voltado à comparação das corporeidades presentes na Seicho-no-ie e na Renovação Carismática Católica (RCC) (BIANCONI, 2008), buscando identificar semelhanças e diferenças relacionadas ao uso do corpo no proselitismo televisivo nessas duas religiões. Esses esforços também visaram a

estabelecer uma possível relação com os preceitos doutrinários de cada uma dessas soluções sacrais¹.

A Seicho-no-ie é uma das expressões dos Novos Movimentos Religiosos de origem japonesa que atraíram contingentes populacionais significativos na sociedade brasileira desde os anos 70, insatisfeitos com as religiões tradicionais. Seus recursos proselitistas incluem denominar sua doutrina de filosofia, com ênfase no poder transformador do pensamento, e dispensar adesão estrita dos seus seguidores. Essas características sugeriram a hipótese de encontrar, na Seicho-no-ie, performances corporais contidas, com comportamento mais sóbrio, coerente com sua estratégia proselitista de envolver sua doutrina em um modelo secular de ensinamento.

Os procedimentos metodológicos adotados neste estudo se valeram de fontes primárias e secundárias. As mensagens e imagens transmitidas em programas televisivo-religiosos fornecem amplo material para identificar as corporeidades ligadas aos esforços proselitistas das religiões na contemporaneidade. Sendo assim, a observação sistemática dos programas televisivos escolhidos da Seicho-no-ie procurou identificar: as mensagens orais, os símbolos religiosos e as posturas corporais dos fiéis e dos líderes religiosos na programação televisiva selecionada; os temas próprios das teodicéias religiosas, como família, juventude, prosperidade, educação, saúde, gênero, sexualidade, doença, terapêutica, morte, trabalho, riqueza, pobreza, e outros que porventura aparecerem, e sua vinculação com a cultura corporal (VARANDA & ALBUQUERQUE, 2007).

Para tal foram construídos dois roteiros de tópicos que orientaram o exame sistemático do *corpus* de pesquisa para posterior processamento analítico. Um deles esteve voltado para descrição do formato dos programas e o outro para descrição das corporeidades disseminadas pelas duas religiões (VARANDA & ALBUQUERQUE, 2007). As obras de caráter histórico e sociológico forneceram as fontes secundárias acerca das religiões brasileiras e de corporeidades. A coleta de dados foi realizada durante os meses de novembro de 2006 a fevereiro de 2007 das transmissões da

¹ A pesquisa “Proselitismo televisivo e corporeidades em dois mundos religiosos: Seicho-no-ie e Católicos” foi um Projeto de Pesquisa de Iniciação Científica financiado pelo CNPq, no período de 2006-07 e está vinculada à linha de pesquisa *A natureza social do corpo* do Departamento de Educação Física, IB. UNESP - Rio Claro (VARANDA & ALBUQUERQUE, 2007).

emissora de televisão SBT (sat). No total, foram gravados 24 programas com duração de 30 minutos, completando 12 horas de gravações.

Referencial teórico²

A segunda metade do século XX trouxe uma forte transformação em relação às concepções de corpo, nascida no âmbito dos movimentos contraculturais que contestaram o controle burocrático e a extrema racionalização da ordem econômica. A denúncia das suas conseqüências para as experiências corporais e mentais faz emergir uma “cultura da espontaneidade” que abrange vários setores da sociedade, abrindo caminhos para outras concepções de corpo e mente. A terapia gestáltica de Paul Goodman expressa bem esta revolução: “the unconscious mind was not located only in inaccessible reaches of the brain, but was manifest in the ‘attitude’ of the body’s muscular structure. The body, as the site of cognition, linked the individual to the world beyond, both physically and psychologically”. (BELGRAD, 1998, p. 11).

Esse contexto trouxe transformações sócio-religiosas que deram origem a um conjunto específico, denominado por Champion (2001), de “nebulosa místico-esotérica”. Este conjunto tem como características comuns, o valor dado ao experiencial, a procura de transformação pessoal mediante técnicas psico-corporais ou psico-esotéricas e quebra das dicotomias. A nebulosa místico-esotérica está ligada ao interesse pelas religiões orientais, devido à sua riqueza de procedimentos para transformação de si.

Outro aspecto é a importância do corpo nas manifestações religiosas, como contraponto e repulsa a uma religião intelectualizada, como já destacou Hervieu-Leger (1997), acabou por constituir um conjunto de práticas e saberes terapêuticos, impregnados de religiosidade. Isto é, os aspectos corporais e terapêuticos desdobram-se, nos novos movimentos religiosos, em cuidados com a saúde física e mental pelos caminhos das medicinas orientais, das psicologias não convencionais, dos tratamentos naturais, ao lado das orações, rituais, danças, meditações e demais procedimentos eivados de religiosidade, também voltados para os cuidados de si.

Este contexto fertiliza, então, estudos sobre o corpo, agora do ponto de vista das humanidades. Antropólogos, sociólogos, historiadores e filósofos se voltam para este

² Este estudo lida com conceitos extraídos das Ciências Sociais, ciente de que não se pode e nem se deve pretender exaurir a realidade com tais constructos e confiante de que a realidade permanece sempre mais rica e fecunda de sentido de que qualquer interpretação (científica ou não) que dela se faça.

fenômeno e assim nasce o corpo como objeto das ciências humanas e a valorização das reflexões pioneiras de Marcel Mauss sobre as “técnicas corporais” (1974).

Entre nós, brasileiros, destacam-se os estudos de Rodrigues (1980; 1999; 2005), pesquisador de primeira hora das corporeidades. Este antropólogo nos ensina: “para a constituição plena da antropologia do corpo é necessário compreender - e levar até suas conseqüências últimas – que, muito mais que seus ambientes, o que os homens ‘criam’ na verdade são seus próprios corpos” (RODRIGUES, 2005, p. 179). O corpo enquanto natureza culturalizada nos permite decifrar as determinações sociais e econômicas, as mudanças históricas, o poder e a submissão dos homens e mulheres, a saúde e a doença, sempre filtrados pelas representações sociais constituídas coletivamente.

Assim, o conceito de corporeidade, neste estudo, está ancorado na noção de representação coletiva de Durkheim (1970). Para ele,

se [...] as representações coletivas são exteriores com relação às consciências individuais, é porque não derivam dos indivíduos considerados isoladamente, mas de sua cooperação, o que é bastante diferente. [...] os sentimentos privados apenas se tornam sociais pela sua combinação sob a ação de forças *sui generis* que a associação desenvolve. [...] Por certo, cada um contém qualquer coisa dessa resultante; mas ela não está inteira em nenhum. (p.34).

Entende-se, pois, corporeidades como as concepções de corpo produzidas coletivamente por um grupo social ou uma sociedade, historicamente situados, e que orientam os atores sociais nas suas maneiras de agir, sentir e pensar em relação às suas infinitas experiências corporais. Saúde, doença, cura, prazer, dor, fome, saciedade, cansaço, descanso, mística, vida, morte, movimento, repouso, ética, estética, etiqueta, gosto, nojo, imanência, transcendência etc. são estados que dependem do e/ou reverberam no corpo, balizados por representações compartilhadas coletivamente, instituídas, transmitidas de geração a geração, e igualmente transformadas em resposta a demandas sociais.

Durkheim, ao criar o fato social como objeto da Sociologia, levantou barreiras entre as ciências, especialmente entre a nascente Sociologia, de um lado e a Biologia e Psicologia, de outro. Já que o homem pode ser objeto de muitas ciências, os seus esforços estavam voltados para a fundação e delimitação de um campo que até então não havia sido instituído. Sabemos que todo campo de conhecimento deve ter seu próprio objeto e o risco epistemológico de confundir corpo, mente e cultura colocava em perigo a identidade da Sociologia como ciência autônoma. Daí sua ênfase mais na delimitação dos objetos que na porosidade das suas fronteiras.

Esta porosidade será defendida por Mauss que nos ensinou, ainda em 1934, que o corpo desfruta de um estatuto epistemológico indisciplinado, identificando nas técnicas corporais, as suas dimensões fisiológicas, biológicas e sociológicas. Na verdade híbrido “avant la lettre”. No que se refere aos estados místicos ele conjectura: “penso que há necessariamente meios biológicos de entrar em ‘comunicação com Deus’” (MAUSS, 1974, p. 233).

O ensaio de Mauss (1974) já nos oferecia pistas para compreender as corporeidades religiosas. Ele nos ensina que “ato técnico, ato físico, ato mágico religioso são confundidos pelo agente” (217). Isto é, o adepto serve-se do seu corpo apoiado na “crença não só física, mas também moral, mágica e ritual de certos atos” (216) (VARANDA & ALBUQUERQUE, 2007).

Inegavelmente, a televisão é um dos meios de comunicação mais poderosos e as religiões viram nela um recurso para a difusão de modelos específicos de viver religioso. Do ponto de vista deste estudo, a expressão pública da religião contribui para a normatização dos corpos.

A Seicho –no-ie: doutrina e corpo

Os resultados obtidos circunscrevem-se a uma descrição da doutrina da Seicho-no-ie encontrados em bibliografia sociológica, no seu site por meio do qual adeptos e seguidores em potencial têm acesso às diversas informações acerca das atividades desse movimento religioso, e análise dos programas televisivos gravados.

Quadro doutrinário da Seicho-no-ie

De acordo com Albuquerque (1999), os princípios doutrinários da Seicho-no-ie configuram um conjunto sincrético de religiões (Budismo, Cristianismo e Xintoísmo), filosofias ocidentais e crenças populares, designado por Masaharu Taniguchi, o seu fundador, de "super-religião", pois sintetizaria as mensagens dos líderes religiosos de todas as demais religiões da humanidade. Esse pressuposto favorece o seu sincretismo e vem facilitando a adaptação da doutrina da Seicho-no-ie entre os brasileiros.

O argumento básico da Seicho-no-ie é o de que o homem é perfeito na sua essência e, portanto, o sofrimento não existe. As experiências penosas seriam manifestações da mente e são atribuídas à ausência de pensamento voltado para as coisas positivas e à falta de agradecimento a todas as coisas, pessoas e circunstâncias,

sobretudo aos familiares. Elogio, atitude otimista e fortalecimento de laços familiares seriam os caminhos para a salvação entendida, esta, como a felicidade neste mundo.

A explicação doutrinária também afirma que a mente humana é composta de 5% de consciente e 95% de inconsciente, e que os males resultariam de mágoas ou pensamentos negativos acumulados no inconsciente que se expressariam na existência do indivíduo independentemente de sua vontade ou projetos conscientes. Através do incentivo ao pensamento dirigido para as coisas positivas e ao agradecimento, essas mágoas desapareceriam, permitindo que a verdadeira realidade se manifeste.

A cura de doenças e os cuidados de si se fazem por meio de vários procedimentos coerentes com o quadro doutrinário de Taniguchi, com vistas à solução dos mais variados problemas: físicos, afetivos familiares e financeiros. Além disso, os seguidores devem manter atitude otimista, agradecimento a todas as coisas, pessoas e objetos bem como às pessoas falecidas, designados conforme tradição japonesa, de antepassados.

A transmissão desses ensinamentos é feita através de farta bibliografia, como livros e revistas de caráter doutrinário, reuniões, cursos e seminários. As reuniões são, também, oportunidades para atuação dos divulgadores e preletores num estilo que mais se aproxima dos animadores. Nessas reuniões, reza-se o Sutra Sagrado, divulgam-se eventos e são apresentados relatos de experiência, ocasião em que são narrados os casos de eficácia dos ensinamentos de Taniguchi. Em muitos deles é possível perceber o processo de conversão e ressignificação de experiências passadas e presentes.

Um aspecto importante a ser destacado é o modo como a Seicho-no-ie se apresenta:

A Seicho-no-ie é religião ou filosofia? A Seicho-no-ie pode ser considerada uma filosofia de vida e também uma religião, não há rigidez de conceito nesse sentido. Ela tem como objetivo despertar no coração das pessoas a verdade de que todos são filhos de Deus e fazer com que através de atos, palavras e pensamentos, tornemos esse mundo um mundo melhor.³

A partir desta definição, os seus adeptos brasileiros recrutados, sobretudo entre as camadas médias escolarizadas, têm, sistematicamente, identificado seus ensinamentos como “filosofia de vida” ou “uma filosofia que ensina a gente a viver”. Certamente essa interpretação é possível devido ao caráter de meta-narrativa religiosa que Taniguchi deu à sua doutrina, o que favorece adaptá-la aos aspectos religiosos

³ Disponível em: <http://www.sni.org.br/index2007/oque.asp> . Acesso em: 4 jan. 2007.

familiares aos brasileiros, especialmente ao catolicismo e ao kardecismo. Os textos e orações da Seicho-no-ie apresentam vocabulário que remete a essas duas religiões, como as palavras “Deus”, “Pai”, “messias”, “vibrações” e “vidência” entre outras.

Do ponto de vista das corporeidades, Albuquerque (1999) observou que, na medida em que os adeptos passam pelo processo de conversão e ganham cargos na hierarquia religiosa, exibem hábitos corporais japoneses como os modos típicos de agradecimento e gestos mais contidos, sempre acompanhados de algumas palavras também em idioma nipônico.

A Seicho-no-ie na TV

Com relação ao formato dos programas ora gravados em estúdio, ora gravados no templo, foi possível notar uma regularidade nos quadros exibidos. Existem oito quadros no total, que se rearranjam formando os programas. Apenas cinco desses quadros são fixos e estão presentes em todos os programas, com uma ordem cronológica definida. São eles, na respectiva ordem: Apresentação, que trata das atrações do programa; Transmissão dos ensinamentos através de palestras ou debates; “Momento de Reflexão”, no qual uma frase aparece sobre uma imagem de natureza e é lida sobre um fundo musical para que os telespectadores acompanhem; “Finalização”, em que a apresentadora anuncia as atrações do próximo programa; e “Momento de Oração”, no mesmo formato do “Momento de Reflexão”, composto da oração de um sutra. Estes formariam o “esqueleto” do programa, no qual os outros quadros se encaixariam, sem um critério pré-definido.

Os quadros flutuantes são: “perguntas e respostas”, no qual um preletor faz o papel de entrevistador e esclarece dúvidas enviadas pelos telespectadores por e-mail; “Eu Sou Feliz”, quadro destinado a testemunhos, normalmente gravados nas sedes centrais e “Takes Gravados”, destinados a propagandas, ora de livros, ora de eventos promovidos pela Seicho-no-ie em sua sede ou núcleos locais e regionais.

Observou-se, também, que os cenários não se alteram e são dois: um utilizado pela apresentadora e preletores na realização das palestras gravadas em estúdio, onde existe uma bancada e um fundo branco e verde, e outro que possui cores mais vibrantes, em tons de vermelho e branco. Este é utilizado, em quadros, onde há uma espécie de mesa redonda de preletores. Estes quadros são, “Perguntas e Respostas” e “Debates” que ocorrem eventualmente. A decoração remete à estética japonesa, como quadros de *sumiê* e *ikebanas* e não há música durante a cerimônia religiosa.

A venda de livros também está presente em todos os programas, quando não aparece através de “Takes” já gravados, que se encaixam nas atrações do programa, ela se dá pela apresentadora, e/ou pelos preletores..

A duração do programa é sempre de 30 minutos, a apresentadora é sempre a mesma, evocando os programas femininos presentes na rede aberta; há uma movimentação constante de câmeras durante a transmissão dos ensinamentos, talvez para quebrar a monotonia dos ensinamentos e se assemelhar aos típicos programas de entretenimento próprios da televisão brasileira; há exibição de imagens dos núcleos locais e regionais durante as vinhetas de abertura, nos quadros, e no encerramento do programa, divulgando os locais de culto da Seicho-no-ie; os temas são todos voltados para o pensamento positivo típico das mensagens de auto-ajuda, variando apenas o a temática: trabalho, relações familiares, saúde, auto-conhecimento.

As variações encontradas estão relacionadas mais à forma de transmissão dos ensinamentos, que pode ocorrer através de palestras ou por um bate-papo entre três preletores, denominado de “Debate”. As gravações das palestras, ora são no estúdio, ora são em algum local de culto, acompanhadas pelos fiéis ou dirigida aos telespectadores.

É importante destacar que a programação televisiva da Seicho-no-ie reproduz completamente os gestos, posturas e movimentos dos seguidores e líderes que ocorrem nos seus locais de culto, conforme descreveu Albuquerque (1999).

Corporeidades nos programas televisivos da Seicho-no-ie.

Os programas televisivos que se acabou de descrever condicionam as corporeidades possíveis constituídas pela Seicho-no-ie: estas se caracterizam por corpos contidos, postura e movimentos possíveis sóbrios e mesmo limitados.

Os preletores se apresentam sempre com roupas formais e semblante sério, porém tranquilo, procurando angariar respeito dos fiéis. Já estes se mostram sempre atentos e observadores para captar os ensinamentos transmitidos. Apenas a apresentadora do programa é mais espontânea e acolhedora no seu desempenho, como um diferencial entre os preletores.

Os fiéis apresentam-se sentados como em uma sala de aula, tendo assim os movimentos desvalorizados, engessados ou quase inexistentes. Seus corpos estão presos às formas das cadeiras, havendo assim um controle e domesticação dos mesmos durante o culto. Os movimentos só ocorrem por ordem do preletor quando, por exemplo, este

pede para que todos fiquem em pé ou façam a posição de oração, ou no final da palestra, quando todos batem palmas.

Os movimentos dos preletores não são diferentes dos executados pelos fiéis, também são contidos, limitados a movimentações curtas sobre o palco e, principalmente, movimentos expressivos com as mãos.

Um movimento regularmente realizado tanto pelos preletores quanto pelos fiéis é a posição de oração própria da cultura japonesa, na qual as palmas das mãos são unidas na altura do peito seguida por uma flexão da cabeça e olhos cerrados. Este também é adotado quando agradecem dizendo “muito obrigada/o”.

Em relação à disposição dos fiéis, estes sempre se encontram juntos, independente da idade, gênero, etnia, ou qualquer outra diferença significativa. A única variação encontrada é no que se diz respeito ao diálogo entre preletor e fiéis, que ora ocorre diretamente ora não, sendo a atenção dirigida principalmente aos telespectadores.

Corporeidades e religiosidades

Ao analisar as corporeidades veiculadas nos programas exibidos pela Seicho-no-ie foi possível constatar uma subordinação do corpo à mente, uma maior valorização do intelecto em relação ao corpo nas atitudes tomadas durante os programas, tanto pelos preletores quanto pelos fiéis. Isso também se apresenta nas concepções de doença apresentadas nos programas através do quadro “perguntas e resposta”. A doença, segundo a Seicho-no-ie, seria originária de manifestações da mente, dos ressentimentos guardados pelas pessoas, ou também pode ser originária da falta de oração pelos antepassados. Em certo programa foi dito que a miopia tinha como causa o fato da pessoa não querer ver as coisas boas; já em outra ocasião foi explicado que a causa das “pedras nos rins” é desencadeada por uma vontade de “jogar” pedras nos outros. Com isso pode se perceber que para eles a mente define comportamentos que determinam conseqüências no corpo. Afirmam os pregadores que o corpo é espelho da mente: então, se sua mente estiver bem seu corpo estaria bem, e vice-versa.

O corpo tem, na Seicho-no-ie, o estatuto de um objeto acessório, pouco valorizado e explorado. Isto pode ser percebido pelos trajes utilizados pelos preletores, pela posição em que os fiéis são dispostos no templo, pela maneira como o preletor se posiciona durante o culto etc. Todas estas são formas de docilizar o corpo, de moldá-lo nos padrões sociais de submissão do corpo e de valorização da mente, próprios das aulas em ambientes escolares.

Este aspecto, aliado a essa postura física e ao tipo de divulgação através de leituras e cursos, e mesmo a definição da sua doutrina como “filosofia” ou “filosofia de vida”, aproxima a Seicho-no-ie dos procedimentos escolares, chamando a atenção da classe média que valoriza o estudo como forma de ascensão social e símbolo de modernidade. Com isso, a Seicho-no-ie evita provocar conflitos nos seus seguidores em relação à sua religião de origem.

Foi possível perceber na Seicho-no-ie corporeidades próprias, tanto nas palestras como nos rituais. A decoração do ambiente remete mais à tradição japonesa que a um local sagrado, nos moldes da tradição cultural brasileira. Não há músicas, dança ou uso do corpo para estimular estados especiais. A seriedade, a tranquilidade e as vestimentas convencionais dos preletores remetem mais às atitudes corporais próprias educadores, distantes da imagem do sacerdote paramentado.

Considerações finais

Essas características revelam estratégias ligadas à história dessa expressão religiosa no Brasil e aos seus projetos proselitistas. A Seicho-no-ie tem uma trajetória histórica própria no nosso país: de religião destinada a desaparecer porque ligada a uma minoria étnica, soube sobreviver e crescer entre os brasileiros como uma das expressões dos Novos Movimentos Religiosos. Evitando choques com as religiosidades instituídas no país, procura construir a sua imagem ligada aos procedimentos de auto-ajuda e valorizar sua origem oriental como “filosofia”.

Enfim, concluímos que essa expressão religiosa articula sua mensagem para ocupar um espaço no mercado de bens sagrados no nosso país. Mas, principalmente, este propósito se faz acompanhar de corporeidades próprias que revelam muito da sua história na sociedade brasileira e dos recursos de que se vale para angariar novos seguidores.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, L.M.B. **Seicho-no-ie do Brasil: agradecimento, obediência e salvação**. São Paulo: Annablume; FAPESP, 1999.

BELGRAD, D. **The culture of spontaneity: Improvisation and the Arts in Postwar America**. Chicago: The University of Chicago Press, 1998.

BIANCONI, J. Proselitismo televisivo e corporeidades em uma expressão do Catolicismo. **Motriz**, Rio Claro, v.14 n.1 p.09-20, jan./mar. 2008

CHAMPION F. Constituição e transformação da aliança ciência-religião na nebulosa místico-esotérica. **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro, 21(2):11-24,2001.

DURKHEIM, E. Representações individuais e representações coletivas. In: _____. **Sociologia e Filosofia**. Rio de Janeiro: Forense, 1970.

HERVIEU-LEGER, D. Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou o fim da religião? **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v.17, n.1, p.31-47, 1997.

<http://www.sni.org.br/index2007/oque.asp> . Acesso em: 4 jan. 2007.

MAUSS, M. Técnicas corporais. In:_____. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974, v.2.

RODRIGUES, J. C. Os corpos na Antropologia. In: MINAYO, M.C. S. & COIMBRA Jr. C.E.A. **Críticas e atuantes: Ciências Sociais e Humanas em Saúde Na América Latina**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2005.

RODRIGUES, J.C. **O corpo na história**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1999.

RODRIGUES, J.C. **Tabu do corpo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.

VARANDA, S. S. & ALBUQUERQUE, L.M.B. **Relatório de Pesquisa: Proselitismo televisivo e corporeidades em dois mundos religiosos: Seicho-no-ie e Católicos**. Rio Claro: Departamento de Educação Física/IB/Universidade Estadual Paulista – campus de Rio Claro/ CNPq, 2007.